

LABELLE

celebra cinco anos e apresenta



TRAVESSIAS

30 setembro 🗓️ 7 de outubro 🗓️ 14 de outubro
15 de outubro 🗓️ 21 de outubro 🗓️ 28 de outubro

SEMINÁRIO ONLINE 📺 <http://bit.ly/labelleuerjnoyoutube>

Caderno de Resumos



Organização:

Carmem Negreiros (UERJ)
Fátima Oliveira (CEFET-RJ)
Jean-Pierre Chauvin (USP)
Mônica Vermes (UFES)
Ricardo Carvalho (USP)

Realização:

LABELLE – Laboratório de estudos de literatura e cultura da *Belle Époque* (ILE-UERJ)

LABELLE

celebra cinco anos e apresenta



TRAVESSIAS

RESUMOS

- ▶ ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR (UNESP - CNPq)

Decadentismo-simbolismo português: um movimento mediado pela imprensa

Partindo da constatação de que ocorreu um grande movimento literário em Portugal no período de 1889 a 1893, pretende-se examinar a hipótese de que diversificadas manifestações de artistas, críticos e jornalistas pela imprensa periódica não apenas intensificaram a repercussão do decadentismo-simbolismo junto ao público como também condicionaram os rumos da produção literária, implicando na formação de grupos de escritores e na adoção de temas, formas e procedimentos específicos nas obras então publicadas. São episódios dignos de menção: 1) a discussão de novas ideias estéticas de matriz parisiense em revistas coimbrãs de 1889; 2) textos críticos e paródicos motivados pela publicação de *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891), de Eugênio de Castro; 3) dissensões e afinal a ruptura no grupo dos *novos* ou *nefelibatas* a partir de 1892; 4) a concomitante formulação, promoção e defesa da doutrina neogarrettiana por Alberto de Oliveira.

- ▶ AMANDA DANELLI (Instituto de Geografia UERJ - LABELLE)

Olavo Bilac e a imagem turística do Rio de Janeiro

Olavo Bilac, junto de Guimarães Passos e Bandeira Jr., foi autor e editor do *Guide des Etats-Unis du Brésil*, publicado em 1904. O guia é um esforço de representação da imagem do Rio de Janeiro como cidade civilizada, à altura dos destinos turísticos internacionais nos primeiros anos do século XX. Inspirado no Baedeker, um dos principais representantes no gênero, o guia é editado em francês, conta com ilustrações e uma série de propagandas. Os autores familiarizam os leitores com uma cidade em transformação, atravessada pela dinâmica do progresso material, assentada em uma perspectiva de futuro aberto, no qual o sentido do aperfeiçoamento se anuncia.

- ▶ ANNA FAEDRICH (UFF - LABELLE)

Protofeminista ou conservadora? Interpretações da obra de Júlia Lopes de Almeida

Neste trabalho, analisarei a fortuna crítica de Júlia Lopes de Almeida e suas interpretações. Investigarei os caminhos da crítica que, ora afirma o feminismo *avant la lettre* da autora, ora ressalta a orientação dual na

sua obra, por provável adesão normativa; ora celebra seu caráter abolicionista e republicano, ora denuncia seu racismo e eugenia.

► ANGELA ROBERTI (História UERJ - LABELLE)

A literatura social de Domingos Ribeiro Filho e o projeto libertário de construção de uma nova moral social/sexual: o caso do “romance de combate”

Domingos Ribeiro Filho (1875-1942) despontou no cenário intelectual e círculos boêmios do Rio de Janeiro nos tempos efervescentes da *Belle Époque*. Começou a vida como repórter, tornando-se, na sequência, jornalista e editor de revistas ilustradas. Nas *belas letras*, foi romancista, contista, cronista e até autor de textos para o teatro, campo no qual também exerceu a crítica. Foi considerado um *romancista da nova literatura*; uma literatura de conteúdo social, comprometida não só com a crítica e a denúncia dos dramas sociais e morais, mas também com a divulgação de outro projeto de sociedade, firmado em bases mais solidárias, livres e criativas. Esta comunicação, volta-se para problematizar a noção “romance de combate”, cunhada pelo escritor na obra *Vãs Torturas* (1911), época em que militava nas fileiras anarquistas e admitia a literatura como estratégia na busca de caminhos que poderiam despertar consciências e dar forma ao processo de transformação social.

► ARMANDO GENS (UERJ - LABELLE)

Gustavo Santiago, à porta da livraria Garnier

Escavar (BENJAMIN, 2013) e cascas (DIDI-HUBERMAN, 2017) são dois referenciais para este trabalho, que pretende analisar a imagem do poeta Gustavo Santiago. A incursão pelo passado literário da *Belle Époque* fluminense prevê revolver e descascar as construções discursivas que enquadraram o poeta na categoria dos extravagantes. Então, preferencialmente, cabe olhar para a imagem do autor de *Cavaleiro do luar* (1901) e transportá-la para o foco do nosso tempo. Reintroduzi-la em uma outra frequência temporal que compreenda a importância da indumentária e do formato de livros fora do comum, não mais como futilidade ou extravagância, porém como exercício da subjetividade em um campo literário que, devido às tensões entre literatura e jornalismo, cultura e indústria, arte e comércio, subjetividades e enquadramentos, arte pela arte e profissionalização do escritor, passava por um processo de redefinição de paradigmas.

► AVELINO ROMERO SIMÕES PEREIRA (UNIRIO)

Tensões musicais no Rio de Janeiro da Belle Époque

O trabalho parte da identificação de alguns debates em torno da música e de um projeto civilizador para o Brasil na virada do século XIX para o XX, quando uma série de compositores estiveram à frente do que propunham ser um movimento de renovação do ambiente musical, contando com apoios explícitos na imprensa, mas também fazendo aflorar rivalidades e dissensos.

► CLAUDETE DAFLON DOS SANTOS (UFF)

Velhos jardins: natureza e civilização na Belle Époque

No contexto ocidental, a cisão entre natureza e cultura, tal como se consolidou na modernidade, teve importantes desdobramentos nos modos como as populações humanas se relacionaram com seu ambiente e tudo o que fosse considerado não-humano. Os jardins, enquanto uma realidade de fronteira, colocavam em evidência concepções de mundo natural em vigor, ao mesmo tempo em que revelavam o caráter problemático da dissociação entre natureza e cultura. Quando, porém, se volta para regiões que foram submetidas à

exploração colonial, esse debate ganha outros contornos, em especial porque a Europa se torna o equivalente geográfico da civilização em contraponto às localidades ditas primitivas, onde povos e seres pertenceriam fundamentalmente à situação de natureza. Nesse sentido, a construção de jardins no Brasil expressou muitas vezes o interesse pelo estudo sistemático de *riquezas* naturais locais associado à apreciação estética a fim de atender a parâmetros civilizatórios europeus. Daí a história do Passeio Público do Rio de Janeiro, construído em fins do século XVIII, e do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fundado em 1808, revelar aspectos relacionados à concepção e categorização da natureza brasileira consonantes com procedimentos coloniais de classificação e hierarquização de formas de vida. Haveria assim uma necessária distinção entre expressões naturais arredias associadas ao sertão bruto e aquelas submetidas ao controle da cultura. Por outro lado, com a formulação e transformação de projetos urbanísticos, artísticos e científicos, configura-se e reconfigura-se também o papel dos jardins. Por esse viés, interessa notar como as mudanças impostas à fisionomia da capital da República no início do século XX repercutem na representação de jardins tradicionais da cidade e como isso se relaciona à maneira como se vê a natureza na nação que “se civiliza”. Diante disso, proponho desenvolver uma reflexão que considere perspectivas sobre natureza e civilização em escritos publicados na revista *Kosmos* (1900-1909), os quais, assinados por autores como Olavo Bilac e Gonzaga Duque, tematizam em alguma medida espaços como o Passeio Público e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

► DANIELLE CREPALDI (USP)

Da fita ao filme: o *Film d'art* no Rio de Janeiro de 1909-1910

Em janeiro de 1909 chegavam ao Rio de Janeiro os primeiros *Films d'art*: produções distribuídas pela Pathé Frères e produzidas pela “Société Film d'Art”, composta por artistas oriundos de palcos célebres como a Comédie Française. O esforço da sociedade, de oferecer ao público produções cinematográficas de envergadura artística, ganha novos sentidos quanto esses *films* aportam no Brasil. Apresentados no Rio de Janeiro numa pomposa gala artística denominada “Visões de Arte”, ocorrida no Teatro Lírico, o evento procurava destacar a relevância dessas obras quando contrapostas ao que se exibia nos cinematógrafos da capital; daí a imposição do vocábulo “filme”, ao contrário de “fita”, que comumente se utilizava. O sucesso (artístico/simbólico/mercadológico) da empreitada transforma o substantivo próprio em comum. Logo, companhias diversas como a Cines, a Lux, a Itala e a Biograph passarão a produzir os “films d'art”. Esta comunicação pretende tratar dos anos iniciais da circulação desses filmes no Brasil. Procurarei considerar as origens dessa produção, suas características estéticas (quando comparadas às obras que lhes antecederam), as especificidades de sua encenação e os sentidos a ela atrelados.

► DIONISIO MÁRQUEZ ARREAZA (UFRJ - LABELLE)

Racismo, literatura e comunicação social em Lima Barreto

Com a publicação de *Recordações*, o autor de cor usa o poder simbólico para combater poder simbólico. Ele usa e participa da instituição editorial-literária (revista *Floreal*, o livro) no Rio para questionar o racismo e pedantismo da comunidade letrada e leitora, subjacentes nos discursos “belepocanos” (positivismo, beletismo) da própria instituição e comunidade, através do motivo autoficcional e da ficcionalização do meio jornalístico carioca.

► EDUARDO VERAS (UFTM)

Baudelaire e a música do mar

Baudelaire é um poeta fascinado pelo universo das águas, em especial por sua dimensão diluviana. O amor, a cidade e a própria poesia assumem muitas vezes figurações líquidas em sua obra. No âmbito dessa simbó-

lica das águas, pretendo mostrar como o tratamento da figura do mar, associada à música (e, por extensão, à própria poesia), dramatiza, em Baudelaire, a dissolução da inteligibilidade e dos limites da representação poética, anunciando uma passagem para o irrepresentável e o desconhecido.

► FÁTIMA OLIVEIRA (CEFET-RJ - LABELLE)

Entre “cogitações interiores” e “circunstâncias exteriores”, a reconfiguração do observador nas notas do “diário íntimo” de Lima Barreto

Em *Suspensões da percepção* (1999), o teórico de arte Jonathan Crary amplia o alcance de sua análise sobre as alterações significativas no regime de percepção criado pela sociedade industrial. Desde de *Técnicas do observador* (1990), Crary tem ressaltado que o olhar moderno não apenas olha, mas observa, ajustando-se às novas tecnologias presentes na vida urbana. Interessado no processo de constituição da arte moderna, o teórico americano rompe com as análises que privilegiam a centralidade do sujeito observador estável e coloca em evidência o problema da atenção como atividade inserida na dinâmica da modernização da subjetividade. Ao contrário de Benjamin, para quem “distração e concentração formam polos opostos”, Crary argumenta que “atenção e distração não podem ser pensadas fora de um *continuum* no qual as duas fluem incessantemente de uma para outra”. Assim, pretendo apresentar através dos fragmentos do “diário íntimo” do escritor Lima Barreto a transformação do status do observador, para quem o estado de atenção era inseparável do de distração e devaneio.

► FRANCINE RICIÉRE (UNIFESP)

A prática do elogio fúnebre e dos poemas “tombeau” entre poetas brasileiros finiseculares (XIX): círculos literários e reinvenção ritual

A exposição pretende explorar a recorrência, entre poetas brasileiros do final do século XIX, em especial aqueles usualmente denominados “simbolistas”, de textos que se reportam à prática do elogio fúnebre, ou que recuperam de modo mais ou menos explícito a espécie *tombeau*, em diálogo com poemas franceses mesmo período. Pressupondo, com Jean Michel Maulpoix, um caráter coletivo primário para o poema lírico (a raiz do lirismo assentando-se na celebração), analisa-se o discurso encomiástico (elevado, laudatório, endereçado) discernível nos poemas abordados como portador de algo que não se resolve na *expressão de um “eu”*, mas que parece indiciar uma operação coletiva de constituição de audiência, comunicação, contato, partilha. O poema, um gesto de interlocução, é dedicado, nesse sentido, a um poeta ilustre desaparecido, mas dedica-se, igualmente, ao estabelecimento de uma rede de afinidades e concepções de escrita que pressupõem a instauração de uma comunidade.

► FERNANDO MONTEIRO DE BARROS (UERJ - LABELLE)

Ressonâncias do Gótico na poesia brasileira da Belle Époque

No final do século XIX, ecos do modo narrativo gótico eram frequentes em diversas obras artísticas e literárias do Decadentismo. De Baudelaire a Wilde, a poesia e a prosa da segunda metade dos oitocentos diversas vezes compareceu atravessada por elementos oriundos do romance de Walpole, *O castelo de Otranto* (1764). Há traços comuns entre as duas estéticas: tanto o Gótico literário quanto o Decadentismo são marcados por teatralidade e melancolia. A alegoria, conceito-chave para o Barroco segundo Walter Benjamin, também se espalha pelo século das exposições universais, em obras como *As flores do mal* (1858) e *O retrato de Dorian Gray* (1891), que atestam a presença de uma modernidade crepuscular no cenário industrial marcado pelo culto ao progresso. Em nossa *Belle Époque* tropical, igualmente eufórica com a modernização, a poesia de escritores como Elycio de Carvalho, Carlos Ferreira e Victor Silva várias vezes deu continuidade

às encenações dos goticismos finisseculares e tais encenações poéticas expressavam, além da sensibilidade nevrosada do poeta no mundo moderno, também uma visão política peculiar sobre o Brasil das primeiras décadas do século XX.

► GILBERTO ARAÚJO (UFRJ - LABELLE)

Chrysanthème e Carmen: mãe & filha

Partindo do livro póstumo *Almas complexas* (1934), de Carmen Dolores, rastreamos elos literários e editoriais entre a escritora e sua filha Chrysanthème, responsável pela edição do título. Com isso, almejamos recuperar passos de uma tradição inédita no âmbito da literatura brasileira de autoria feminina, erigida, neste caso, no intercâmbio entre mãe morta e filha viva.

► GIOVANNA DEALTRY (UERJ - LABELLE)

Rio, cidade-mistério: um passeio em companhia dos escritores da modernidade carioca

Ao longo das primeiras décadas do século XX, surge na imprensa e na literatura a associação entre a cidade do Rio de Janeiro e o signo do mistério. Crimes bárbaros, hábitos dos moradores dos subúrbios e favelas, costumes e tradições de africanos e afrodescentes, atraem um público ávido por notícias de uma outra capital, fora da ótica da Avenida Central. Nas brechas do progresso, inaugurado pelas reformas urbanísticas, sanitárias e de costumes, surgem autores como João do Rio e Benjamin Costallat, entre outros, que irão explorar e construir uma cidade de sombras. Aproximo-me aqui de alguns destes autores para compreender como a literatura tem um poder crucial na formação do imaginário da cidade-mistério. Interessa-me também investigar os conflitos entre as práticas modernizadoras do Estado em contrapartida a essa cidade-mistério.

► IEDA LEBENSZTAYN (USP - LABELLE)

Virgular com os olhos, ampuheta de abismos: a arte de *O Alienista*

Proporei uma leitura de *O Alienista*, narrativa publicada no periódico *A Estação* e incluída em *Papéis avulsos* (1882). Inspirada na fortuna crítica machadiana, analisarei a forma artística do *humour*, “ampulheta de abismos”. Machado de Assis configura Itaguaí como o universo, em que a estrutura do poder se conserva com base na lógica tirânica de interesses particulares – representação das iniquidades sociais brasileiras. E seu protagonista, o alienista Simão Bacamarte, nos movimentos contraditórios de seu ímpeto por conhecimento, discrimina e medeia vícios e virtudes alheios e próprios, expressando a tautologia da ciência, que se fecha como loucura e resulta em morte.

► JEAN-PIERRE CHAUVIN (USP - LABELLE)

Dinastia como Mercadoria: “O Dicionário”, de Machado de Assis

“O Dicionário” saiu na *Gazeta de Notícias* em 1885, e foi incluído em *Páginas Recolhidas*, coletânea de contos publicada catorze anos depois. Narrado em terceira pessoa, envolve o assalto ao poder de um tanoeiro “demagogo, chamado Bernardino”. O protagonista é um ser dicotômico, com pseudoteorias que afetam modéstia, e ambições que mal dissimulam a que ele veio. Assim que assume o trono, esse rei absoluto finge representar o povo; encomenda uma genealogia nobilitante e, sob o novo nome Bernardus Tanoarius, nomeia dois ministros bajuladores, Alfa e Ômega; finalmente, apaixona-se por uma jovem que não corresponde aos seus afetos. Certo dia, obcecado por se casar com Estrelada, entra em renhida disputa com um talentoso poeta, na tentativa de vencer o concurso criado pela própria jovem. O conto interessa como alegoria política do final do Império e Primeira República e sugere que o país seria governado com mãos de

ferro. Na narrativa, os atos de governo, pautados pela curta régua do personalismo, permitem ver Bernardus como uma figura caricata e recorrente, dessas que de tempos em tempos ocuparam o posto máximo no país e nele reinaram com desfaçatez, arbitrariedade e violência.

► JOSÉ OSMAR DE MELO (UEMG - LABELLE)

O metaforismo como desconstrução da visão naturalista de mundo na concepção do *Dom Casmurro*, de Machado de Assis

Este artigo tem por finalidade mostrar o metaforismo como *leitmotiv* no processo de construção do *Dom Casmurro*, uma vez que Machado de Assis lança mão de estratégias narrativas para, via ironia *humoresque*, pôr em questão, no plano da enunciação, a concepção naturalista de mundo na literatura do final do século XIX.

► LEONARDO MENDES (UERJ - LABELLE)

O naturalismo no Brasil, uma literatura dominada

A partir de 1870, livros naturalistas começam a circular no Brasil, com grande sucesso de público. O sucesso comercial contrasta com a resistência robusta que o naturalismo enfrentou na elite letrada. Muitos escritores reivindicaram o naturalismo como forma de se associar ao novo e ao moderno, mas no Brasil somente uma pequena seleta naturalista foi estudada e mantida viva em novas edições. Uma vasta produção naturalista foi ignorada e às vezes combatida, levando ao contexto de literatura dominada que se perpetua na historiografia tradicional. Para compreender como isso ocorre, vamos conhecer os posicionamentos de grupos de escritores brasileiros em relação ao naturalismo no fim do século XIX e começo do XX, assim como explorar autores e vertentes naturalistas esquecidos.

► LUCIANA MURARI (PUC-RS - CNPq)

“As mil e uma noites” de Coelho Neto: os dramas do homem e da natureza no Brasil

O escritor maranhense Coelho Neto exemplifica a categoria dos escritores que, de tão típicos de sua época, não sobreviveram a ela. O grande número de obras publicadas, a resistência ao modernismo, a escrita rebarbativa, o suposto desinteresse pelas questões brasileiras e a posição política descrita como conservadora, alienada e elitista o lançaram ao inferno do desdém e do esquecimento. Sob o ponto de vista da história intelectual e cultural do Brasil da passagem para o século XX e de suas três primeiras décadas, o pequeno número de estudos acadêmicos sobre sua obra deixa uma lacuna, considerando sua influência social, sua presença no debate dos grandes temas nacionais e a amplitude documental de sua representação da sociedade brasileira daqueles anos. Para o estudioso da literatura, o caso inaudito de um escritor profissional que visitou o simbolismo, o parnasianismo, o naturalismo, a prosa licenciada e a ficção científica, por exemplo, ofereceria um valioso estudo de caso. Temas como o ecletismo da *Belle Époque*, a expressão literária do *art nouveau* e a persistência da prosa realista, por exemplo, encontrariam nele uma vasta matéria-prima para o trabalho crítico-histórico. Cabe, hoje, avaliar os produtos de sua práxis literária em seu contexto intelectual e social, desfazendo alguns dos lugares-comuns que cercam a não leitura de suas obras. Particularmente, vários de seus trabalhos tematizam as dinâmicas entre o homem e a natureza brasileira, como parte de um imaginário das origens nacionais enraizado nos repertórios tradicionais e populares. Nesse caso, o escritor remete-nos às narrativas orais, mas igualmente ao patrimônio erudito que fundamentou sua formação intelectual. A leitura da paisagem e das forças do ambiente em seus escritos permite encontrar elaborações baseadas no diálogo intercultural, entre a representação da brasilidade e formas consagradas de dramatização da história, do cotidiano e dos grandes dilemas coletivos.

- ▶ LUCIANA PERSICE NOGUEIRA-PRETTI (UERJ - LABELLE)

A Revista Moderna (1897-1899): modernidade cosmopolita e transferência cultural

Durante a *Belle Époque*, quase trinta periódicos franco-brasileiros, em sua maioria editados em Paris, circularam entre as camadas da elite brasileira. Alguns, como a *Revista Moderna* (1897-1899), são lusófonos e difundidos no Brasil e em Portugal. Essa publicação se apresenta ao leitor como uma “colaboração literária dos melhores escritores do Brasil e de Portugal” com “ilustração artística dos mais notáveis desenhadores de França, Inglaterra e Alemanha”: fundamentalmente cosmopolita, os editores divulgam a imagem de um país e de uma intelectualidade sintonizados com a modernidade republicana, enquanto, porém, publicam, igualmente, crônicas sobre aristocratas, realezas e impérios coloniais – em diferentes matizes críticos (aliás, coadunados ao ambiente eclético e instável da Terceira República francesa). Embora a *Revista Moderna* seja conhecida pelo pesquisador brasileiro sobretudo devido à importante colaboração de Eça de Queiroz em quase todos os seus 30 números (assinando crônicas e publicando seu *A Ilustre Casa de Ramires* como folhetim), será dado relevo aqui à adequação do periódico aos moldes das ditas “pequenas revistas” intelectuais e artísticas que pulularam na França durante esse período. Nosso escopo é analisar a ótica com que se divulgam a arte e a cultura francesas em algumas rubricas recorrentes (“Livros Novos”, “Noticiário Ilustrado”, entre outras), artigos de crítica ou crônicas isoladas (sobre exposições, salões etc). Também será visto o tratamento da questão da tradução nos poucos casos em que ela ocorre na revista, numa abordagem que abarca o cosmopolitismo preponderante no meio artístico e intelectual da *Belle Époque* e questões específicas relativas à transferência cultural entre França e Brasil.

- ▶ LUIZ ANTONIO SIMAS (Escritor, professor, historiador, compositor brasileiro e babalaô no culto de Ifá)

Entre a encruzilhada e o gramado: futebol, umbanda e identidade nacional

A codificação da Umbanda, tendo como marco a anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, pode ser considerada parte de um processo que ocorre na encruzilhada entre o embranquecimento de ritos africanos e o empretecimento do kardecismo europeu. Ao mesmo tempo em que a umbanda fazia um movimento de incorporação de espíritos de indígenas e pretos velhos ao kardecismo, o futebol, introduzido no Brasil como esporte dos filhos de certa elite, passa por um processo de popularização que o levará à condição de elemento importante do processo de elaboração da identidade nacional brasileira em anos posteriores. Futebol e umbanda acabam se encontrando nos cruzos que elaboram o imaginário da mestiçagem apaziguadora, presente nos modos brasileiros de jogar bola com arte e interagir com os mortos.

- ▶ MARCELO SANTOS (UNIRIO - LABELLE)

Vidas da infâmia no romance *Pedro Espanhol*, de José do Patrocínio

Proponho uma leitura do último romance de José do Patrocínio, *Pedro Espanhol* (1884), sugerindo que os projetos de romance do autor podem ser pensados dentro dos quadros estéticos, culturais e sociais da ficção do final do século XIX, mas também como sinais de questões ainda muito contemporâneas, como possíveis genealogias da relação entre literatura, modernidade e necropolítica, a figuração dos estados de exceção, da criminalidade e das tensões étnico-sociais na Primeira República.

- ▶ MÁRCIA ARBEX (UFMG - CNPq)

Escritas em exibição nas Passagens parisienses

Este trabalho visa interrogar como cartazes, reclames, letreiros, impressos diversos, como almanaques e revistas ilustradas do século XIX, participam da elaboração de uma poética da colagem e da montagem

literária no início do século XX. As passagens parisienses, sob a luz das reflexões de Louis Aragon e de Walter Benjamin, por constituírem um espaço privilegiado de exibição da escrita, serão o objeto desta análise.

▶ MARCUS SALGADO (UFRJ - LABELLE)

O narrador mercurial e a narrativa-encruzilhada: possibilidades de leitura de um conto de João do Rio

Talvez o conto mais conhecido de João do Rio, “O bebê de tarlatana rosa” atraiu interpretações que vão da literalidade de corte realista ao jogo de mascaramento alegórico. Essa oscilação pendular, contudo, está longe de esgotar as possibilidades de leitura do texto, uma vez que o mesmo contém dispositivos narrativos que impedem o fechamento exegético. Tentaremos entender como se processa a configuração e como ocorre o funcionamento de tais dispositivos no interior da narrativa.

▶ MARCUS SOARES (UERJ - LABELLE)

Mídias na *Belle Époque* e hoje

Cotejar o funcionamento dos meios de comunicação na *Belle Époque* e na contemporaneidade, considerando os seguintes aspectos: suportes, produção de notícias, gêneros discursivos e temporalidade.

▶ MAURÍCIO SILVA (UNINOVE - LABELLE)

Esplendor ornamental: a estética *art nouveau* nos livros e revistas na *Belle Époque*

Pouco estudada no Brasil, a estética *art nouveau* esteve presente não apenas como estilo literário incorporado à obra de autores da passagem do século XIX para o XX, mas também nas ilustrações de grande parte da produção editorial do período, motivo pelo qual se torna necessário rememorar a história dessa manifestação artística no Brasil, numa das épocas em que ela mais se evidenciou, instaurando princípios estéticos que ultrapassaram os limites do pré-modernismo artístico e literário. Esta exposição discute a ocorrência da estética *art nouveau* na arte gráfica e na literatura da *Belle Époque* brasileira.

▶ MARIA RENILDA BARRETO (CEFET-RJ)

Nascer no Rio de Janeiro da *Belle Époque* (1880-1920)

A minha reflexão tem por objetivo discutir a organização de uma rede de assistência às mulheres, sobretudo às pobres, negras, imigrantes e operárias, na cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX e primeiras décadas do século XX, período da *Belle Époque* carioca. O ponto central é refletir como a ideia de modernização da cidade se articulou à criação de espaços hospitalares femininos. A relação entre assistência à saúde das mulheres a partir da construção de maternidades de caráter público, mas de iniciativa privada, a urbanização e a participação do Estado será mediada pelos saberes e ações que circulavam entre médicos/as, urbanistas, filantropos/as, intelectuais e gestores públicos.

▶ PAOLA SARLO PEZZIN (UFES)

Um olhar sobre a estética feminina nas propagandas de cosméticos da *Belle Époque*

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro viveu um período de efervescência cultural marcado pela reforma urbana. O advento das avenidas, dos automóveis, da iluminação elétrica, magazines, cinemas e clubes proporcionaram novas sensibilidades que ficaram registradas nas revistas da época. Estes periódicos ilustrados atuaram como cartilhas civilizatórias que traduziam a última moda em Paris

e transformaram profundamente os hábitos e gostos. O artigo visa apontar nas propagandas de cosméticos os mecanismos utilizados pela ideologia da época para manejar o imaginário feminino em torno do ritual de embelezamento: afinal, a prática diária de cuidado de si tornara-se uma obrigação, um prazer e também um investimento, visto que os novos espaços abertos à circulação feminina também eram oportunidades de flerte. Saúde, limpeza, brancura e beleza eram as palavras-chave dos discursos, enquanto as personagens dividiam-se entre a culpa e o prazer na encenação do cotidiano da sociedade patriarcal da época em que um bom casamento era tudo que elas podiam desejar.

► PEDRO PAULO GARCIA FERREIRA CATHARINA (PPG Letras Neolatinas UFRJ - LABELLE)

O naturalismo francês, uma literatura dominante

A literatura naturalista, surgida na segunda metade do século XIX, difundiu-se da França para o mundo, seduzindo gerações de escritores desejosos de se alinharem a uma estética moderna, internacional e democrática, inclusive no Brasil. Contudo, na perspectiva de Pascale Casanova, apropriações de estéticas e bens culturais se dão numa geografia e numa temporalidade próprias aos campos literários nacionais que se autonomizam a partir de configurações precisas de lutas, assumindo feições próprias. Tendo em vista sua estreita relação com o naturalismo brasileiro, tentaremos indicar como o naturalismo francês passou de uma literatura dominada a uma literatura dominante, fazendo prevalecer seus modelos de representação – processo que não se deu do mesmo modo no Brasil. Buscaremos indicar diferentes maneiras de reconhecimento responsáveis por manter vivo o naturalismo francês ainda hoje.

► PEDRO VINICIUS ASTERITO LAPERA (UFF - FBN)

O enterro da discórdia: consumo cinematográfico e a formação de uma cultura de classe média na Belle Époque carioca

A partir do horizonte de uma história cultural orientada por questões etnográficas, esta comunicação analisa a formação de uma cultura de classe média no Rio de Janeiro do início do século XX, considerando as práticas em torno do consumo cinematográfico. Tendo como foco um protesto de estudantes universitários contra um exibidor cinematográfico e seus desdobramentos, lançamos como questão principal: que paralelos podemos traçar entre os jovens revoltosos e uma cultura de classe média na então capital no início do século XX?; e, como questão secundária, em que medida a realização de um protesto contra o proprietário de um cinematógrafo revela fontes de tensão entre os exibidores cinematográficos e o público? O tratamento das fontes (23 artigos publicados em oito periódicos, entre os dias 14 e 31 de maio de 1913) teve-se ao paradigma indiciário, metodologia de investigação proposta pelo historiador Carlo Ginzburg que vem orientando esta pesquisa no acervo da Biblioteca Nacional.

► RAFAEL RODRIGO FERREIRA (USP)

Jornalismo, literatura e modernidade em *A Coragem de Amar*, de Sylvio Floreal

O momento referendado como Primeira República (1889-1930) pela periodização política brasileira marcou, como se sabe, de modo transversal o processo de profissionalização dos escritores, assim como da esfera literária em geral. O jornalismo, por sua vez, ao abrir caminho enquanto instância econômica, fazendo da notícia, muitas vezes incorporada pela literatura, um objeto de consumo, torna-se, não sem contradições, uma das mais importantes ferramentas para o exercício autônomo da escrita criativa. É a partir deste contexto que a exposição abordará a trajetória do escritor santista Sylvio Floreal, pseudônimo de

Domingos Alexandre (1893-1928), a quem a luta para ocupar um lugar nas letras em uma metrópole que se industrializa a toque de caixa, em meio a convulsões sociais de diversas ordens, como é o caso da cidade de São Paulo, torna-se decisiva, ao ponto de ganhar espaço e tratamento em sua produção. De igual maneira, sob a continuidade entre jornalismo, capitalismo e literatura, o romance *A Coragem de Amar*, publicado em 1924 e reeditado em 1925, será analisado em diálogo com os discursos sobre a modernidade próprios da época, os quais se manifestaram de maneira complexa e determinante para a nossa história cultural, ecoando até os dias atuais.

- ▶ RICARDO CARVALHO (USP - LABELLE)

O tempo da Geologia e da narrativa n'Os Sertões de Euclides da Cunha

A Geologia – considerada a ciência que, no século XIX, revolucionou a dimensão do tempo na Terra – foi requisitada por Euclides da Cunha não apenas para estudar a terra do sertão, mas também para narrar a história do homem sertanejo e da Guerra de Canudos. Desse modo, o autor potencializa estratégias narrativas presentes nos escritos de Geologia, os quais, por sua vez, se basearam em obras literárias.

- ▶ ROBERVALDO LINHARES ROSA (UFG)

Pardon Monsieur, o cinema já foi mudo?

Ao se falar dos primórdios do cinema, é comum vermos expressões como “cinema mudo, cinema silencioso”. Acontece que os enredos filmicos estiveram, desde o início do cinema, acompanhados por músicas feitas especialmente à exibição dos filmes, tanto por pianistas profissionais, chamados de pianeiros, como por pequenas e até grandes e luxuosas orquestras. A música está, portanto, no DNA do cinema. O objetivo desta comunicação é exatamente investigar relações entre cinema e música, projetando luz neste aspecto ainda pouco explorado em um momento histórico marcado por significativas e profundas contradições sociais: a *Belle Époque* brasileira.

- ▶ SUSANA KAMPF LAGES (UFF)

Franz Kafka, dândi, decadente, desassossegado

Franz Kafka foi um irônico leitor da literatura do decadentismo do século XIX e, para além de uma sintonia com a literatura e as artes de seu tempo, foi também um leitor e apreciador de publicações que estavam, em teor e forma, afinadas com o espírito da assim chamada “arte nova” (*art nouveau* ou *Jugendstil*). Além disso, Kafka tinha hábitos e cuidados corporais que, como demonstrou Marc Anderson em alguns interessantes estudos sobre as “roupas de Kafka”, revelam um sistemático interesse pela observação do próprio corpo e das peças de vestuário que o recobrem. Encontram-se disseminados em seus escritos vestígios da singular leitura que faz da arte e da literatura oitocentista, bem como da psicanálise freudiana da passagem do século. Esses elementos chegam, curiosamente, a determinar em parte também certos aspectos da configuração gráfica das obras por ele publicadas em vida.

- ▶ THIAGO MIO SALLA (USP - LABELLE)

O Homem, de Aluísio Azevedo, best-seller brasileiro no final do século XIX

O livro *O Homem*, de Aluísio Azevedo, apresentou, desde o seu lançamento, um rumoroso percurso literário e midiático. Entre os anos de 1887 e 1888, a obra teve três edições pela editora Afonso de Castro e Silva e mais uma realizada pela renomada Garnier. Trata-se, portanto, de um dos mais expressivos *best-sellers* brasileiros oitocentistas, romance escandaloso cuja repercussão ecoou por diferentes periódicos

nacionais que realizaram intensa cobertura desse acontecimento editorial. Partindo do levantamento dos textos produzidos a respeito do romance em questão ao longo do período indicado e das especificidades do mercado editorial brasileiro de então, esta proposta de investigação procurará articular a análise intrínseca de *O Homem* com dados da história da imprensa, do livro, da edição no Brasil no final do século XIX.